

PERFORMANCE EM ESPAÇOS PÚBLICOS: UM MEIO DE APREENSÃO DAS CIDADES

Carolina Érika Santos¹

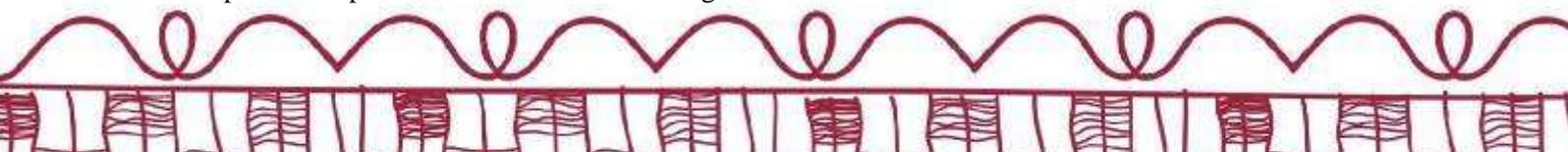
Resumo: Minha intenção de pesquisa para o doutorado é articular pensamento e prática da disciplina urbanismo com o acontecimento de situações performativas no espaço público da cidade. Pretendo adotar uma construção de pensamento a partir da idéia de reversibilidade, ou seja, uma elaboração de pensamento invertido calcado em perguntas sobre respostas que já foram dadas. As performances urbanas serão as minhas respostas e, a partir delas, perguntas serão construídas a fim de tentar compreender a dinâmica do espaço afetado. Trata-se de uma tentativa de criar vínculos entre causa e efeito, desenvolver teorias a partir do experimento e esboçar uma via de mão dupla entre os Estudos da Performance e o Urbanismo.

Palavras-chave: corpo – performance – urbanismo.

Nos dias 15,16 e 17 de setembro do ano de 2009 apresentei na nona edição do SPA das Artes (Semana de Artes Visuais do Recife- PE), a performance “Na aba do meu chapéu”. Era um chapelão de palha com 4 metros de diâmetro que circulou pelo centro de Recife oferecendo carona de sombra. A idéia surgiu enquanto meditava sobre as responsabilidades de um urbanista enquanto morador da cidade. Relacionava o que é ensinado e analisado sobre a vida urbana nas instituições de ensino e o que eu vivo de fato, criando ponderações entre realidades negativas e positivas, teoria e prática e imagens e sensações de uma cidade pertencente ao meu imaginário e àquela dita fazer parte de um imaginário comum. Queria entender o papel do arquiteto urbanista e do educador em arquitetura e urbanismo diante a um embate de forças que configuram um imaginário coletivo.

Confesso que meus pensamentos me levaram a um emaranhado sem fim de associações e cognições, um cenário de ambigüidades, sem certezas e direções. A relação “eu” em observação de um “outro” já não se aplicava mais. Durante a experiência, estava imersa no real, ou melhor, estava imersa em mim mesma. Nesse

¹ Arquiteta Urbanista, doutoranda pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da UFBA. Mapeou performances praticadas no espaço público das cidades contemporâneas durante o mestrado e analisa, no doutorado, o pensamento urbanístico a partir de ações performativas praticadas pela autora.. E-mail: cerikas@gmail.com



momento a única verdade que existia era o que eu sentia, e, isso vale para a academia?

Como transitar entre a introspecção e o universal? Calvino diz que

(...) quanto mais a obra tende para a multiplicidade dos possíveis menos se distancia daquele unicum que é o self de quem escreve, a sinceridade interior, a descoberta de sua própria verdade. Ao contrário, respondo, quem somos nós, quem é cada um de nós senão uma combinatória de experiências, de informações, de leituras, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis. (CALVINO, p.138, 1990).

O que acredito ser único para mim, nem sempre é. Ao perder o alcance das respostas objetivas a partir da experiência da performance, atingi uma condição de introspecção, ou de mergulho no espelho do outro, que me fez pensar a partir de uma relação de igualdade. Estado nunca antes vivido.

Tenho agora como tarefa saber criar limites de sensações a fim de gerar um quadro de percepções passíveis à compreensão de um mundo externo ao meu. Mas como criar perguntas sobre uma resposta dada e elucidar causalidades convergentes? Como criar potência de desestabilização sem se fechar num mundo particular ou acabar em absurdos? Quero construir enunciados literais como algo extensor, sem fixar a informação no tempo e no espaço, sem sufocar a experiência. Quero transitar entre o macro e o micro, estar dentro e fora da engrenagem urbanística, fazendo leituras panorâmicas sobre o espaço e acessando o singular, aquilo que escapa às leituras hegemônicas de espaço. Meu interesse está contido em formas diferenciadas de apreensão da cidade e no exercício de produção de um conhecimento diferenciado em relação ao espaço urbano.

Cheguei nesse lugar por ter uma formação em dança conjugada com a minha graduação em arquitetura. Nas aulas de dança “apreendia” a arquitetura ao experimentar relações entre: corpo e espaço urbano; corpo e espaço edificado; estados de inércia e movimentos transformadores; o ensaiado e o improvisado; movimentos de escuta (ou sobrevôo²) e de entrega ao acaso. Já na graduação “conhecia” meu corpo, o lugar do corpo do outro e como todos esses elementos comungavam no espaço físico. Pude perceber então, através da dança, que haviam outras possibilidades de leitura e diálogo entre corpo e espaço e que essas experiências possibilitavam a construção de um corpo de sentidos afinados capaz de criar sintonias, apreender o movimento do acaso e

2 Termo usado por Deleuze e Guattari para designar um estado de prontidão em relação a componentes imersos em uma superfície, ou em volumes absolutos, que estão suscetíveis à transformação. (DELEUZE, 1997).

dialogar com os elementos que o cerca, validando arquiteturas e negociando possibilidades criativas entre o corpo e o lugar onde habita.

Como moradora da cidade de Salvador-BA, sinto as afetações de organização dessa cidade, convivo e escuto as especulações de professores da Universidade Federal da Bahia e faço relações com as dinâmicas da minha cidade de nascimento (Belo Horizonte-MG) e com outros lugares por onde passei, carregando sempre comigo a questão de como se colocar como sujeito no jogo de forças que configuram um espaço coletivo. Ao participar da primeira etapa do Recorte Salvador, em 2007, organizado para a disciplina de Atelier V na faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA, fiquei incomodada com a descrição “ideal” dado ao Bairro da Pituba, por um grupo de 4 meninas estudantes de arquitetura. O Bairro da Pituba é “ideal” porque sua “malha urbana é organizada e regular, com distribuição adequada de serviços, comércios e residências o que torna este espaço aprazível e de fácil circulação sua oportunidade de viver bem” (palavras do grupo ao apresentar o trabalho em sala de aula, incorporando uma cena teatral típica de negociações imobiliárias). Elas só percebiam como negativo o trânsito da Av. Paulo VI, mas esvaziava a tensão dessa realidade dizendo que “esse trecho caótico do recorte é apenas um pequeno obstáculo e pode tornar sua chegada em casa ainda mais prazerosa...”.

RECORTE IDEAL



Malha urbana organizada e regular, com distribuição adequada de serviços, comércios e residências o que torna este espaço aprazível e de fácil circulação sua oportunidade de viver bem.



Legenda:

-  Dinheiro
-  Conforto
-  Saúde
-  Trânsito
-  Setorização/Funcionalidade

Figura 1 – Trabalho apresentado à turma de Atelier V da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFBA por Camila Araújo, Larissa Carvalho, Luciana Cruz e Maria Teresa Gascher. Primeiro diagnóstico de percepção dado pelo grupo do quadrado de estudo – Bairro da Pituba.

Dinheiro



Dinheiro não será mais problema para você. Invista em qualidade de vida, venha morar no recorte ideal. Você não irá se arrepender!

Conforto



Localizado numa área da cidade que ainda mantém áreas verdes na maioria das ruas, o local torna-se agradável para passeios e caminhadas ao ar livre, além de dispor de duas praças com campo de futebol e pista de cooper.

Saúde



Aqui você vai saber como é divertido e fácil cuidar da aparência, porque este recorte está repleto de salões de beleza, clínicas de estéticas e academias de ginástica.

Trânsito



Você que está desanimado frente aos congestionamentos ocorridos diariamente na Avenida Paulo VI, não se desespere!!! Este trecho caótico do recorte é apenas um pequeno obstáculo e pode tornar sua chegada em casa ainda mais prazerosa...

Gabarito



Esta é uma região que ainda pode-se escolher morar em um edifício padrão, médio/alto ou residir em uma casa com um belo jardim em ruas tranquilas e arborizadas.

O mal-estar que sentia naquela apresentação era mais sobre as mazelas da sociedade de consumo, colados na configuração do espaço da cidade, do que na percepção daquelas estudantes de arquitetura ao descrever qualidades espaciais. Havia um discurso e uma afirmação, mas não quero entrar nos méritos desse trabalho em específico, até mesmo porque não acompanhei todo o processo. Trouxe essa cena porque foi a partir daí que passei a observar mais o bairro e a questionar o que havia de “ideal”. Foi essa afetação individual que inspirou a performance “Na aba do meu chapéu” - momento em que passei a questionar a qualidade espacial daquele lugar e a reparar que a Avenida Manoel Dias - uma das principais avenidas do bairro e de intenso fluxo de automotores e pessoas - não tinha sombra. Daí surgiu a idéia de um grande sombreiro. Mas como fazer?

Durante a pesquisa do mestrado construí um mapeamento de ações praticadas por performers em lugares de uso comum aos moradores de uma cidade, formalizando uma tabela (com fronteiras fluidas) de singularidades que problematizavam o espaço público através de poéticas subversivas, estendendo discussões entre urbanismo, arquitetura, espaço público, corpo e performance na cidade contemporânea. A partir desse levantamento deparei com a obra de Tunga, artista plástico brasileiro que produz obras tanto para galerias quanto no espaço público. O trabalho de Tunga me ocupou por um tempo, mas não o suficiente para falar com propriedade de suas ações e guardei imagens sem edição na esperança de retornar ao assunto. Um desses registros fotográficos é a performance apresentada na abertura da “X Documenta de Kassel”, em 1997, com o título “Inside Out, Upside Down”. A primeira aparição dessa performance foi na abertura da Bienal de Veneza, em 1995, com o título “Passeio de Vanguarda em Veneza” ou “Debaixo do meu chapéu” e retorna incorporada na abertura da X Documenta. Guardei a figura no coração.



Figura 2 – Tunga. “*Inside Out, Upside Down*”. X Documenta de Kassel, Alemanha, 1997.

Então, voltando a questão do arquiteto urbanista de como se colocar no embate de forças que configuram o espaço da cidade, elaborei a pergunta: como desestabilizar o descaso do corpo técnico urbanístico ao dialogar o meio natural com o meio cultural?

TUNGA + PITUBA = NA ABA DO MEU CHAPÉU.



Figura 3 – Carol Santos. “Na aba do meu chapéu”. SPA das Artes Recife, 2009. Imagens do segundo dia.

A seleção no 9º SPA das Artes viabilizou a produção da performance, tendo sua primeira aparição na cidade do Recife. Foram três dias de imersão. Cada dia uma experiência diferente. O primeiro dia amanheceu nublado, guardava comigo toda a emoção e insegurança do primeiro dia. Não conhecia Recife e a chuva que caía nos dias anteriores me impediu de investigar com certeza qual deveria ser o melhor trajeto do chapéu. Esbocei um caminho pelo mapa, mas na hora de falar com as pessoas ninguém reconhecia os lugares através das identificações do mapa, seguimos um trajeto construído na hora. De início eram oito pessoas debaixo do chapéu, todos artistas e participantes do evento. O mais alto ficou no meio e juntos vestimos a idéia: todos carregavam e anunciavam a carona de sombra, ou melhor, a carona de guarda-chuva, pois só foi vestir o chapéu e a chuva cair. Uma circunstância contrária ao sombreio, mas que trouxe a participação das pessoas e o vento – um grande aliado na sustentação do chapéu.

As pessoas que estavam no lado de fora da ação nos olhavam com um sorriso nos olhos, comentavam entre eles a presença do chapelão, alguns ousavam conversar com a gente, outros faziam registros próprios com câmeras de celular e poucos se abrigavam no chapéu, apesar do intenso jogo de sedução e da possibilidade de se proteger da chuva. O grande momento foi a travessia da “Ponte Duarte Coelho”, entre a Rua do Sol e a Avenida Conde da Boa Vista, lugar sem proteção e de fluxo único.

Nesse momento o chapéu teve sua lotação máxima! As pessoas entravam, seguravam a parte da aba que as protegiam e, depois de feita a travessia, seguiam seu caminho sem mais. Não tinha muita conversa entre a gente. Pegavam e saíam. O chapéu começou a ficar pesado pela a água da chuva e resolvemos terminar o trajeto logo após a travessia da ponte. Já estávamos cansados e satisfeitos.

Depois da ação sentei para escrever e pouco consegui falar sobre a performance. Sempre vinha uma sensação de papel cumprido e que tudo ocorreu bem. Não conseguia problematizar o urbanismo, talvez, um pouco, as relações urbanas. Mas o que me perturbava de fato era um estresse emocional muito particular. Estava exausta e triste. Não conseguia entender. Toda vez que sentava para escrever só aparecia coisas minhas. Respeitei isso e continuei escrevendo.

No segundo dia fez sol. Estava no local e hora marcada, e nada. Ninguém apareceu. Tinha disparado vários e-mails na noite anterior convidando pessoas para participar, já que a performance só acontece com a participação de no mínimo 5 pessoas. Segui a orientação de uma amiga e contratei 4 rapazes ambulantes que trabalhavam perto do Mercado São José anunciando o serviço de amolar alicates. Combinamos o trajeto e saímos no escuro, pois ninguém tinha entendido os nomes das ruas e referências que trazia. E isso foi ótimo! Perdidos e carregando uma coisa nova, os passos eram mais lentos. Durante todo o percurso só se abrigaram na aba do chapéu eu, meu filho, um amiguinho que o Miguel fez na rua e os 4 rapazes. Ninguém mais se abrigou. Atravessavam o chapéu, acompanhavam pequenos trechos a fim de otimizar um percurso ligeiro, mas abrigar, como aconteceu no dia da chuva, isso não ocorreu.

Nesse dia a “festinha” foi interna, debaixo do chapéu junto com os rapazes. Eles deixavam de anunciar o serviço de amolar alicates para oferecer carona de sombra aos seus iguais. As pessoas não entravam, mas muitos ambulantes, cada qual no seu lugar, participavam da ação inserindo o sombreiro no trocadilho diário. Alguns convidavam o chapéu a fazer sombra na barraca de venda e muitos anunciavam, do lado de fora do sombreiro, a oferta de sombra: “Você aí! Pare de esquentar a cabeça e venha se abrigar nesse chapelão!”; “olha o chapelão, olha o chapelão, só cabe num cabeção!” e “chapelão, chapelão, uma alternativa para o calor!”. Os meninos aproveitavam para paquerar as meninas que passavam e brigavam entre eles se um não fizesse o serviço direito, e, nos momentos de pausa (momento de ajustes do chapéu), as pessoas perguntavam onde foi feito o sombreiro e se lá fazia menor.



Figura 4 – Carol Santos. “Na aba do meu chapéu”. SPA das Artes Recife. 2009. Imagens do segundo dia.

O terceiro dia foi um dia desnecessário. Todos estavam cansados, mas queríamos mais registros e de tomadas diferentes. Contratei os mesmos rapazes e fizemos o mesmo percurso. Dessa vez não tinha crianças. A caminhada foi rápida e com pouca emoção. Só eu gritava a oferta de sombra, os meninos estavam preocupados em fazer o trabalho. O chapéu circulou rápido e num plano baixo, intimidou as pessoas. Dessa vez não via sorriso nos olhos das pessoas, elas fechavam a cara e desviavam o chapéu. O estado da performance dissipou e virou uma obrigação de trabalho. Um novo aprendizado.

De volta a Salvador, o que me inquietava era o fato d’eu não conseguir descolar minhas questões pessoais do acontecimento em si e elaborar problematizações urbanísticas de fato. Não conseguia julgar e nem criar críticas. Fernandinho, meu orientador, adorou esse estado e disse que estava no caminho certo! Ao fazer esse comentário percebi que ao falar de mim posso entender o outro, evitando assim, a adoção fácil da noção de um “outro” homogeneizado e narcotizado pelo sistema. Pretendo aqui uma política celebratória e não de caftinagem com a vida.

(...) o ponto de intervenção deveria ser deslocado do imediato reconhecimento das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivação tornados possíveis (e plausíveis) através do discurso do estereótipo. Julgar a imagem estereotipada com base em uma normatividade política prévia é descartá-la, não deslocá-la, o que só é possível ao se lidar com sua eficácia, com o repertório de

posições de poder e resistência, dominação e dependência, que constrói o sujeito da identificação colonial (tanto colonizador como colonizado). (BHABHA, 2005, p.106).

Ainda não tenho claro o caminho pelo qual estou enveredando, porém, não pretendo me submeter às representações de representações e cair nas mesmas estratégias normatizantes do conhecimento urbanístico. Almejo os processos de subjetivação que alargam a potência da experiência, descolando estereótipos e discursos sedimentados. A idéia não é negar e nem desconstruir o urbanismo, mas esboçar uma forma diferenciada de diálogo a partir da arte da performance.

Acredito que performance seja um meio de colocar a “vista” algo que não seja “visto” - uma representação sem produção, sem reprodução de metáforas que mantém hierarquias verticais de valor, marcando sistematicamente o positivo ou negativo. A performance acontece na esfera da presente, do agora e do desaparecimento, permitindo que o efeito retardado da desapareição seja a própria experiência da subjetividade. Segundo Peggy Phelan,

(...) Ao deslocarmos-nos da gramática das palavras para uma gramática do corpo, movemo-nos do universo da metáfora para o universo da metonímia; para a performance art, no entanto, o referente é sempre o corpo do performer em agonizante revelação. A metáfora opera no sentido de garantir uma hierarquia vertical de valores, e é reprodutiva; ela torna-se operacional ao apagar dissemelhanças e ao negar diferenças: a metáfora transforma dois em um. A metonímia, por sua vez, é aditiva e associativa; ela opera no sentido de garantir um eixo horizontal de contigüidades e deslocamentos. “A cafeteira está a ferver” é uma frase que parte do princípio de que a água é contígua à cafeteira. O que importa não é que a cafeteira é como a água (tal como no metafórico amor que é como uma rosa), mas, antes, o que importa é que a cafeteira está a ferver porque a água dentro dela está a ferver. Na performance, o corpo é uma metonímia do sujeito, da personagem, da voz, da “presença”. Mas na plenitude desta sua aparente visibilidade e disponibilidade, o performer de facto desaparece e representa algo outro – dança, movimento, som, personagem, “arte”. (...) A performance usa o corpo do performer para um questionar da incapacidade de se garantir uma relação entre a subjectividade e o corpo em si; a performance utiliza o corpo para enquadrar a ausência do Ser prometida pelo (e através do) corpo – aquilo que não pode tornar-se aparente sem a participação de um suplemento. (PHELAN,1997, p.177).

A problemática urbanística me levou para o espaço da rua e no desejo de provocar uma ação desestabilizadora. Alvos foram atingidos e o exercício de agora é reverter a situação, identificar os pontos de tensão e perguntar por que eles existem, delineando um caminho de efeito e causa. A citação de Phelan, apresentada acima, me tranqüiliza quando traz o entendimento que a performance é o instante da ruptura e não o performer, a dança ou espetáculo, e sim o que reverbera por trás disso, o suplemento que se torna aparente. No meu caso, as palavras que irão construir essa coisa, ainda estão no prelo.

Bom, essa foi a primeira experiência de um elenco de outras tantas que pretendo fazer. A questão é sempre a mesma, e de resto, me coloco na postura de repetir, repetir, repetir... até sentir/perceber o diferente! Parafraseando Manoel de Barros.

Referências:

BHABHA, Homi. O local da cultura. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

CALVINO, Italo. Seis propostas para o próximo milênio. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

DELEUZE, Gilles; GUATARRI, Félix. O que é a Filosofia? 2 ed. Tradução Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997. 288 p.

Caderno Videobrasil 01 Performance. São Paulo: Associação Cultural Vídeobrasil, 2005.

PHELAN, Peggy. A ontologia da performance: representação sem produção. In.: Revista de Comunicação e Linguagens. Lisboa: Edição Cosmos, 1997, nº 24.